

RECONSTITUINDO OSÍRIS: AS GEOGRAFIAS NEGRAS COMO ELEMENTO DO CONSTANTE FAZER GEOGRÁFICO

Marília da Silva Paula Cruz¹

Orientadora: Geny Ferreira Guimarães²

RESUMO

O presente trabalho visa aproximar as Geografias Negras, ensino e as indicações teórico-metodológicas de García (2012). Para fazermos estas aproximações, descortinamos as contribuições de García no tocante a afroepistemologias e afroepisteméticas, as análises que comungam entre as Geografias Negras e as afroepistemologias onde observamos que ambas têm a raça como gênese, dentre outras aproximações. Nos utilizamos do caderno temático da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) de 2020 e salientamos a sua importância para a área da Geografia através de uma breve análise.

Palavras-chave: Geografias Negras; Ensino, Lei 10.639/03; Afroepistemologias; Desde Dentro.

SUMMARY

This paper aims to bring together Black Geographies, teaching and García's (2012) theoretical-methodological indications. In order to make these approximations, we unveiled García's contributions with regard to Afroepistemologies and Afroepistemetics, the analyses that are shared between Black Geographies and Afroepistemologies, where we observed that both have race as their genesis, among other approximations. We used the thematic notebook of the Brazilian Association of Black Researchers (ABPN) from 2020 and emphasised its importance for the field of Geography through a brief analysis.

Keywords: Black Geographies; Teaching; Law 10.639/03; Afroepistemologies; From Within.

¹ Mestranda do curso de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRuralRJ, mariliaspcruz@gmail.com

² Professora da educação básica, doutora em Geografia. Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, CTUR – UFRuralRJ, genyguimaraes@ufrj.br

INTRODUÇÃO

A Geografia como área do conhecimento é amplamente conhecida mesmo que não tão amplamente reconhecida, mesmo que, ela não sirva somente para fazer a guerra foi e é instrumento do poder e daqueles que o operam. Pensar a Geografia fora desta égide é exercício cotidiano daqueles que a utilizam como meio de ler o mundo e compreendê-lo, não só pelo que ele é, mas sim, pelos meios que fizeram do mundo o que temos hoje e as possibilidades que se apresentam para o amanhã.

Esse descortinar da Geografia não é algo recente, mesmo nos períodos pretéritos acadêmicos da ciência geográfica já apontavam revezes e incongruências. A cada tempo temos um apelo mais contundente em uma área específica da Geografia, o que gerou para nós as conhecidas correntes geográficas que são abordadas na História do Pensamento Geográfico que contou com variados autores que eram principalmente europeus e norte-americanos. Esses autores influenciaram a Geografia Brasileira, de certo que, a nossa produção alimentava o campo geográfico de muitas formas, fazendo crítica e apontamentos mais profundos ao falar das especificidades brasileiras.

Apesar de tudo isso, demorou bastante para que a voz dos subalternizados começassem a ecoar com a força e vigor que tinham. Desde dificuldades persistentes como o de acessar os espaços de formação, até mesmo de participar de grupos de pesquisa e eventos científicos, as barreiras eram/são inúmeras e bastante fortificadas.

Este trabalho se inicia com uma inquietação causada por García (2012), em um livro que congrega a diáspora negra-africana nas Américas. Essa inquietação surgiu devido às aproximações entre esta diáspora em nível teórico e prático. No título faço menção à mitologia egípcia em que, Osiris foi despedaçado pelo seu irmão e seu corpo foi reconstruído por Ísis, sua rainha consorte.

García (2012) aborda esta história como metáfora para a diáspora africana, e observo com muita honestidade que o caminho das pesquisas de cunho racial tem algo parecido com a história de Osiris. A necessidade de buscar “as partes”, seja no passado, nos textos pretéritos e autores que já se foram, seja no presente, observando o cotidiano e na realidade sócio-racial os elementos da nossa materialidade sem esquecer que o imaterial também é um dado importante.

Esse mesmo caminho, precisou e precisa ser percorrido na sociedade brasileira, buscar as dissonâncias, as lacunas e preenchê-las; observar as discontinuidades e assim analisá-las. García (2012) elenca diversos pontos analíticos como: a necessidade de combater o racismo historiográfico, a violência em várias esferas que nos faz desaparecer violentamente,

invisibilização mesmo que sejamos/estejamos em maior número, romper com as tentativas de fragilização das resistências, combater as distorções históricas; dentre outros.

Apesar de não ser um aspecto novo a ser abordado, a modernidade sendo fundada na colonialidade carrega estigmas e processos de perpetuação da organização social desigual. Dito isto, os indivíduos negros ficaram com o estigma dos escravizados, mas os indivíduos brancos e contrapartida não ficaram com o estigma de escravizadores como Bento (2022) menciona. Fica então um trabalho árduo para os indivíduos negros, reconstruir nossa história, inventar novas identidades e criar novas culturas.

Dentro desta modernidade ainda enfrentamos barreiras que tentam nos impedir de avançar. Somos corpos no mundo, mas estes corpos, mesmo que tenham marcadores como gênero, classe e nacionalidade possuem um marcador bem definido pela colonialidade, a raça.

Trabalhos voltados para Geografia e Relações Étnico-Raciais foram e são temas de livros, teses, eventos e mais, esse avanço nos permitiu alcançar pessoas e interligá-las. As Geografias Negras já se apresentam com uma nova abordagem e perspectiva. As portas abertas pelo interesse de pesquisadores, impulsionados pela formalização expressa pela Lei 10.639/03, nos mostra que, mesmo com as barreiras, a voz do movimento negro brasileiro, que também se colocava nos espaços acadêmicos surtiu efeitos múltiplos.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.)

As Geografias Negras são um campo da Geografia que contém seus meios próprios de pesquisar, elaborar e precisar seus feitos. Autores têm se esforçado para re-construir o Osiris geográfico, capturar as marcas geográfica negras nos espaços, nas produções acadêmicas e por consequência na própria ciência geográfica. Falando no contexto brasileiro, antes mesmo de ambicionar pelo “onde estamos” academicamente, seria necessário perguntar “onde não estamos?”. Uma área que se preocupa com este questionamento só pode ser vista em si mesma como revolucionária uma vez que, resgata a si mesma antes de se alinhar com qualquer outra.



A multiplicidade de elementos que compõem as Geografias Negras é grande, venho abordar aqui a área do ensino. Justamente por perceber que com a Lei 10.639/03 tivemos mudanças; nas formações de profissionais já atuantes, mudanças nas grades de licenciaturas e por consequência, mais trabalhos, pesquisas e projetos educacionais.

DISCUSSÃO TEÓRICO - CONCEITUAL

Ao nos depararmos com os marcos histórico-civilizatórios brasileiros vivemos um apagão da importância das pessoas negras na construção do Brasil, de seus conhecimentos e avanços tecnológicos possibilitados pela sua engenhosidade. Autores já têm mudado esta realidade em muitas áreas do conhecimento.

O persistente questionamento “Onde nós estamos quando falamos da nossa História?”, que podemos ampliar para “Onde nós estamos quando falamos da nossa Geografia?”. As nossas pesquisas, as nossas vivências, as nossas marcas negras, que investigamos, elaboramos e trazemos à tona fazem parte das nossas estratégias de resistência.

Este aspecto específico, pessoas negras, investigando, trabalhando, buscando, estudando, produzindo conhecimento em suas várias formas é o que García (2012) aponta como o desde dentro:

Hoje os trabalhos realizados desde dentro, a partir de nossa própria objetividade e subjetividade, a partir de nossos sentimentos, representam um convite histórico (e geográfico) que articula uma nova corrente de pensamento sobre a África e a diáspora africana na América do Sul (GARCÍA, 2012)

Entendo este como elemento nevrálgico da construção da teoria e da maneira como García (2012) articula sua abordagem propositiva onde, a consciência do pesquisador e o compromisso assumido ganha molde, que será preenchido com os demais elementos que serão apresentados.

A partir disto, temos um apontamento, como seriam as bases destas pesquisas? Temos então as Afroepistemologias que:

Quando propomos a necessidade de construir uma afroepistemologia, isso significa uma ruptura com esse conhecimento estruturado sobre nós, já que é um conhecimento questionado que ocultou o potencial de nossas contribuições à aldeia planetária, não só nas américas, mas para toda humanidade (GARCÍA, 2012)

A necessidade do protagonismo afrogênico, subverte a lógica de que, indivíduos afrodescendentes são objeto de pesquisa, para serem os pesquisadores e esses sim, especialistas de si mesmos. Os elementos principais para um conhecimento desde dentro, além das afroepistemologias são as afroepisteméticas que se baseiam principalmente em: revisão das

fontes e materiais originais; interpretações feitas por nós e nossos pares; sempre que possível articular o binômio afroepistemologias e afroepistemológicas para construir um conhecimento desde dentro.

O nosso desafio avança para, como a proposta de García dialoga/colabora com as Geografias Negras? Apesar dos possíveis distanciamentos, as aproximações são várias como: I - a compreensão de que o elemento racial não é prioridade, é gênese de análise/formação; II - o entendimento de que a racialidade é balizador do vivido e, portanto, das experiências humanas no espaço; III - reconhecer as nossas produções, as nossas análises e os nossos saberes codificados nas diversas formas de expressão (de acordo com a nossa realidade).

A área educacional nos é muito cara uma vez que, o espaço escolar se compreende para muitos indivíduos negros espaço de violência cotidiana. Através da Lei 10.639/03, temos mudanças que foram supracitadas, mas avançar na perspectiva educacional nos possibilita: I - lembrar os avanços conquistados pelo Movimento Negro Brasileiro; II - o impacto da política de implementação de cotas raciais; III - mudança no perfil dos docentes.

ANÁLISE CADERNO TEMÁTICO ABPN - 2020

Um dos objetivos deste trabalho era investigar as produções de Geografias Negras, este esforço faz parte da agenda de pesquisas da autora³ e que, por estar investigando desde o Brasil, foi decidido começar pelo caderno temático da ABPN.

A Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as/es (ABPN) foi fundada em novembro do ano 2000, a ABPN é uma organização sem fins lucrativos e apartidária, que se destina à defesa da pesquisa acadêmico-científica e/ou espaços afins realizada prioritariamente por pesquisadores/as negros/as, sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil e de todos os demais temas pertinentes à construção e à ampliação do conhecimento humano e, igualmente, ao desenvolvimento sócio político e cultural da sociedade⁴.

No Brasil, somos um dos órgãos fundamentais da rede de instituições que atuam no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial, com vistas à formulação, à implementação, ao monitoramento e à avaliação das políticas públicas para uma sociedade justa e equânime.

⁴ Informações sobre a ABPN estão disponíveis em: <https://abpn.org.br/>

A ABPN tem diversos objetivos⁵, dentre eles: I - congregar os pesquisadores negros brasileiros; II - congregar os pesquisadores que trabalham com temas de interesse direto das populações negras no Brasil; III - assistir e defender os interesses da ABPN e dos sócios, perante os poderes públicos em geral ou entidades autárquicas; IV - promover conferências, reuniões, cursos e debates no interesse da pesquisa sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil; V - possibilitar publicações de teses, dissertações, artigos, revistas de interesse direto das populações negras no Brasil; VI - manter intercâmbio com associações congêneres do país e do exterior; VII - defender e zelar pela manutenção da Pesquisa com financiamento Público e dos Institutos de Pesquisa em Geral, propondo medidas para seu aprimoramento, fortalecimento e consolidação; VIII - propor medidas para a política de ciência e tecnologia do país.

O caderno temático ABPN-2020 Geografias Negras foi organizado pelas/os professoras/es Dra. Lorena Francisco de Souza, Dra. Geny Ferreira Guimarães e Dr. Diogo Marçal Cirqueira. Têm por objetivo principal contribuir para os estudos de geografias negras. Abordando diversos assuntos e eixos, dentre esses, o ensino, que é o foco da nossa análise inicial.

Para prosseguirmos é necessário dizer que, a autora decidiu fazer um recorte de gênero e tema alcançando as seguintes etapas: separação dos arquivos individualmente; agrupamento dos textos de acordo com autoria, levando em consideração autoria e coautoria; separando os textos com análise educacional e afins.

A partir disto, alcançamos o seguinte diagnóstico:

1. O caderno temático possui, ao todo 21 textos (19 artigos+introdução e apresentação, no total);
2. Dentre os quais 15 mulheres e 18 homens na condição de autores e coautores;
3. São ao todo 6 textos que trabalham a questão educacional (de maneira central ou imbricada).

Os textos são bem trabalhados e se baseiam em análises das africanidades, de currículo, incluindo questões de decolonização do mesmo; as relações em sala de aula e como a real utilização do disposto na Lei 10.639/03 acaba por auxiliar os estudantes em seu desenvolvimento. Contudo, abordar questões raciais em sala de aula são um desafio, uma vez que não depende somente da vontade do docente, mas da receptividade dos estudantes. Neste ponto, é importante ressaltar que o tanto que o professor domina o assunto e o quanto se

⁵ Para mais informações sobre os objetivos e áreas de atuação da ABPN estão disponíveis em: <https://abpn.org.br/institucional/>



XV
ENAN
PECE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO

compromete de fato com a temática, trabalhar a questão racial de maneira transversal pode auxiliar na adesão dos estudantes, mas não o garante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho está baseado em levantamento bibliográfico, sendo este, tendo como principal foco as Geografias Negras em articulação com as ideias de García (2012) e o ensino. Buscou-se ainda, analisar de maneira inicial o Caderno Especial de Geografias Negras de 2020 e os temas elencados para demonstrar a abrangência das Geografias Negras buscando destacar as abordagens voltadas para a educação.

Observou-se que, com a implementação da Lei 10.639/03 as abordagens educacionais com viés antirracista cresceram, e em especial, observa-se a relevância das Geografias Negras para este segmento na área da Geografia.

Salutar dizer que as pesquisas a nível de pós-graduação cresceram no quesito volume e abordagem direta com a racialidade (Cirqueira, Corrêa; 2014). Mesmo que nesse caso, ainda existam barreiras no tocante a recepção desses temas nos programas de pós-graduação, seja por parte dos programas (ao não aceitarem estas pesquisa), seja por parte dos orientadores, ao não acolherem as pesquisas e/ou os pesquisadores.

Analisar a sociedade brasileira é uma tarefa que muitas áreas do conhecimento já se dedicam, com êxito. As análises produzidas tem diversas abordagens, muitas trabalham com questões racias. As Geografias Negras vêm para contribuir com estas análises demarcando sempre que estas sempre são raciais, seja de maneira explícita ou implícita uma vez que o dado raça sempre existe mesmo que se tente escondê-lo.

Justamente pelo fato de não se abordar o conteúdo racial da sociedade já estamos fazendo uma escolha, que sempre é política, uma vez que o nosso presente é marcado pelas bases coloniais, os processos de estruturação e de constituição social também estão marcadas por essas bases.

As Geografias Negras nos auxiliam nestas análises e em como a materialidade do real se dá. Quando observamos pelo viés educacional, temos ainda elementos outros como currículo, dificuldades com livros didáticos, e na existência ou não de capacitação para profissionais mas observamos que com a Lei 10.639/03 temos avanços quantitativos e precisamos pesquisar mais para avaliar os avanços qualitativos e as demandas que ainda precisam ser trabalhadas para um melhor aporte das questões raciais no âmbito educacional.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Ed Pólen, São Paulo. 2019, p. 50-79.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em 02 de novembro de 2021.

CAMPOS, Ru Ribeiro de. **O golpe nas Ciências Humanas: 1964 e os estudos sociais**. Revista Geografia, Rio Claro. Dezembro de 2002. Volume 27 (3), p. 29-70.

CIRQUEIRA, D. M.; CORRÊA, G. S. QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NA GEOGRAFIA BRASILEIRA: UM DEBATE INTRODUTÓRIO SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA NAS PÓS-GRADUAÇÕES. Revista da ANPEGE, [S. l.], v. 10, n. 13, p. 29–58, 2017. DOI: 10.5418/RA2014.1013.0002. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6476>. Acesso em: 10 maio. 2023.

GARCIA, Jesus "Chucho". Encuentro y desencuentros de los "saberes" en torno a la africanía "latinoamericana". En libro: Cultura, política y sociedad Perspectivas latinoamericanas. Daniel Mato. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. pp. 359-377. Acceso al texto completo: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/mato/Garcia.rtf>

GONÇALVES, Regina Amanda. **A Geografia Escolar como campo de investigação: História da disciplina e cultura escolar**. *Biblio 3w: revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales*, [en línea], 2011, Vol. 16. Disponível em: <HTTP://WWW.UB.EDU/GEOCRIT/B3W-905.HTM>.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Capítulo 3: **Geografia, racismo, antirracismo e patrimônios** (subitem: 3.2. p. 232-238). In: GUIMARÃES, G. F. Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de suas heranças negras e o racismo no processo - projeto patrimonial. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia, UFBA. 2015, p. 232-238.

_____. **A Geografia desde dentro nas relações étnico-raciais**. In: NUNES, Marcone Denys dos Reis; SANTOS, Ivaneide Silva dos; MAIA, Humberto Cordeiro Araújo (Orgs.). Geografia e Ensino: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente. Salvador: EDUNEB, 2018, p. 67-94.

_____. **GEO-GRAFIAS NEGRAS & GEOGRAFIAS NEGRAS**. Revista da ABPN. V. 12, N. Ed Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras”. Abril de 2020, p. 292-311.

FERNANDES, Florestan. **Classes Sociais na América Latina**. Ed. Zahar Editores, 2ª edição. Rio de Janeiro, p. 33-112, 1975.

FURTADO, Celso. **A Pré-Revolução Brasileira**. Ed. Fundo de Cultura, 1ª edição. Rio de Janeiro, p. 13-32, 1962.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Ed Cobogó. Rio de Janeiro. 2018, p. 9-69.



SANTOS, Mariza Fernandes dos. **A temática racial nas teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil (1987-2018)**. Revista da ABPN. V. 12, N. Ed Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras”. Abril de 2020, p. 54-77.

WALKER, Sheila. **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Rio de Janeiro: Editora Kitabu, 2018.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Do marco Histórico das Políticas Públicas de Ação Afirmativa**. Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas, Brasília, p. 307-334, 2007.